

A SUPERSTIÇÃO E A COMPETIÇÃO ESPORTIVA ESCOLAR: UMA VISÃO DE ATLETAS MASCULINOS

Ligia Lopes Rueda Kocian, Christiano dos Santos, Rafael Castro Kocian

RESUMO

O esporte contemporâneo traz consigo uma forte luta pela vitória e conseqüentemente o aprimoramento das metodologias de treinamento, tático, técnico, físico e psicológico. Junto com esse movimento que é baseado em pesquisas e produção de conhecimento temos o fator superstição, que faz parte não somente da cultura brasileira, mas da cultura esportiva, fazendo com que muitas pessoas acreditem que somente a devoção e o apego a certas crenças resolvam os problemas de uma modalidade esportiva. O objetivo do presente trabalho foi verificar se os atletas escolares masculinos, participantes das Olimpíadas Colegiais do Estado de São Paulo, possuem algum tipo de superstição para a prática esportiva e se acreditam que a superstição interfere no resultado final da partida. Trabalhamos com uma pesquisa do tipo qualitativa balizada pelas Ciências Humanas, como instrumento de coleta de dados utilizou-se um questionário aberto que continha um cabeçalho de identificação e três questões mistas, sendo possível assinalar as opções sim, não e às vezes. Nossos sujeitos eram atletas da categoria infantil, participantes da Final Estadual das OCESP (Olimpíadas Colegiais do Estado de São Paulo), que ocorreu no ano de 2009 na cidade de Jaboticabal-SP. Nossos sujeitos eram 40 meninos entre 14 e 17 anos praticantes de voleibol, handebol e futsal. Encontramos que 50% acreditam em alguma superstição, sim ou às vezes, e 50% não acreditam nisso. Cerca de 45% acreditam que a superstição interfere no resultado final da partida e que 92,5% dos treinadores dos sujeitos desenvolvem trabalhos com a psicologia do esporte, mas nenhum voltado a parte de superstição. Podemos concluir que, dentro do universo pesquisado, uma parcela significativa dos atletas acredita em superstição e que esta crença interfere no resultado final, sendo assim é de extrema importância o desenvolvimento de um trabalho voltado à psicologia do esporte.

Palavras-chave: Estados emocionais e movimento, esporte escolar, superstição.

THE SUPERSTITION AND SCHOOL SPORTS COMPETITION: AN OVERVIEW OF MALE ATHLETES

ABSTRACT

The contemporary sport brings a strong fight for victory and consequently the improvement of training methodologies, tactical, technical, physical and psychological. Along with this movement that is based on research and knowledge production have the superstition factor, which is not only part of Brazilian culture, but culture of sport, causing many people believe that only devotion and attachment to certain beliefs to solve the problems a sport. The purpose of this study was to determine whether school male athletes, participants in the Olympics Colleges of the State of São Paulo, have some kind of superstition to practice sports and believe that superstition affect the final outcome of the match. We work with one type of qualitative research mapped out by the Social Sciences as an instrument of data collection used an open questionnaire which contained an identification header and three mixed issues, and you can check the boxes yes, no and sometimes. Our subjects were athletes from the children's category, participants in the Final State OCESP (Olympics Colegiais the State of São Paulo), which occurred in 2009 in the town of Jaboticabal. Our subjects were 40 boys between 14 and 17 years practicing volleyball, handball and futsal. We found that 50% believe in any superstition, yes or sometimes, and 50% do not believe it. About 45% believe that superstition affect the final outcome of the match and that 92.5% of individuals develop the coaches work with the psychology of sport, but none returned the piece of superstition. We can conclude that within the group studied, a significant number of athletes believe in

superstition and belief that affect the final outcome, so it is extremely important to develop a work on the psychology of sport.

Keywords: Emotional states and movement, school sport, superstition.

INTRODUÇÃO

Para ter sorte e que para que tudo dê certo nessa pesquisa científica iniciei a primeira palavra com a mão direita. Essa situação imaginária poderia ilustrar muito bem o estudo e refletiria o que acontece em diversas situações do cotidiano, dentro e fora do trabalho, a escolha da cor da roupa, o trajeto a ser feito, passar ou não passar embaixo de escadas, tentar para não quebrar um espelho, etc., tudo isso são crendices que fazem parte do senso comum. Para realizar uma reflexão e um questionamento: será que isso não ocorre no esporte? Considerando que o esporte possa ser uma representação da vida cotidiana é plausível que sim.

O objetivo do presente trabalho foi verificar se os atletas escolares masculinos, participantes das Olimpíadas Colegiais do Estado de São Paulo, possuem algum tipo de superstição para o trabalho esportivo e se acreditam que a superstição interfere no resultado final da partida. O trabalho foi realizado na premissa de que a superstição por parte das pessoas quer sejam participantes do esporte é algo marcante na atual sociedade e que merece uma atenção maior da comunidade científica. Como que pouco se estudou sobre o fato e, de certa forma, é necessária produção de conceitos que envolvam diretamente com o esporte, atletas, treinadores, etc., a ter uma proposta de trabalho na psicologia do esporte, pensando no desenvolvimento desse tema atrelado ao rendimento esportivo.

A superstição e o esporte

Diversas histórias são contadas diariamente pelos noticiários de jornais, revistas, televisão, mostrando que muitos atletas, treinadores, torcedores e outros participantes do esporte têm algum tipo de superstição e acreditam que isso pode auxiliar com que a performance do atleta que esteja em questão tenha um resultado mais favorável.

Para Toledo (2002), a superstição é uma crença em algo que não se adequa a uma lógica formal, racional ou científica e que normalmente se baseia em tradições populares ou simbólicas individuais estabelecidas e relacionadas com um acontecimento de sucesso ou fracasso. Como por exemplo, o fato de um esportista utilizar sempre a mesma cor de uma peça de roupa para realizar sempre a mesma oração antes da partida. Um bom exemplo prático é do ex-jogador de futebol, Mário Jorge Lobo Zagallo, o maior campeão de futebol em Copas do Mundo, que sempre utiliza o número 13 e sempre tenta utilizar esse número nos jogos em que participa, seja na camiseta, seja contando o número de letras dos nomes das equipes envolvidas na partida, número de entradas do estádio, etc.

Assim como Zagallo, diversos outros atletas e treinadores possuem superstições e acreditam em forças sobrenaturais, alimentando esperanças de que essas forças auxiliam no desenvolvimento do trabalho esportivo. Conforme a crença das pessoas a superstição pode ser mais forte ou mais fraca. O fato é que de certa maneira para alguns atores do esporte isso pode ser tão marcante e importante quanto os treinos físicos, técnicos, táticos ou psicológicos. Segundo Daólio (1998), muitos brasileiros são contraditórios, pois atribuem mais sucesso a superstição do que ao trabalho desenvolvido, tecnicamente, fisicamente e taticamente.

Para Kocian (2009), dentro do ambiente de concentração esportiva encontramos momentos exclusivos para o desenvolvimento das crenças e rituais que visam trazer sorte durante a partida. Curiosamente esse momento que deveria ser de reflexão a respeito da partida que está por vir, acaba sendo um espaço de cerceamento da liberdade dos atletas e de reforço das supersticiosas individuais e em grupo.

Daólio (2005) traz que para compreender esse fenômeno devemos estar centrados nas tradições humanas, especialmente na antropologia social, pois estudar o futebol e todas as crenças relacionadas é estudar o povo brasileiro, uma vez que as histórias de ambos se confundem e se entrelaçam. Para o autor, as expressões supersticiosas e religiosas estão compreendidas de uma maneira, uma vez que muitas vezes buscam o mesmo sentido, trazer sorte, proteção, bons resultados.

Em uma pesquisa realizada em 1993, Jocimar Daólio constatou que muitos atletas negavam categoricamente que eram supersticiosos, porém, no decorrer das entrevistas realizadas e da observação do trabalho, notou que muitas práticas supersticiosas cercavam desde o treinamento até os grandes jogos que esses atletas participavam.

Dessa maneira o presente estudo buscou compreender a superstição focada nos atletas escolares, aqueles que em tese compõem a base esportiva nacional e que muitas vezes não conseguem ter a mesma metodologia de treinamentos como atletas profissionais, mas que buscam resultados expressivos, guardadas as proporções, assim como os atletas profissionais, ou seja, enquanto um profissional busca ser campeão nacional da modalidade e não mede esforços para isso, muitos escolares não medem esforços para ganhar o campeonato municipal inter-escolas.

METODOLOGIA

Trabalhamos com uma pesquisa do tipo qualitativa balizada pelas Ciências Humanas, principalmente a Psicologia, Sociologia e Filosofia. Como instrumento de coleta de dados, utilizamos um questionário aberto que continha um cabeçalho de identificação e três questões mistas, sendo possível assinalar as opções sim, não e às vezes.

Nossos sujeitos eram atletas da categoria infantil, participantes da Final Estadual das OCESP (Olimpíadas Colegiais do Estado de São Paulo), que ocorreu no ano de 2009 na cidade de Jaboticabal-SP. Foi utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e garantido sigilo absoluto aos dados pessoais dos atletas, que ficaram no anonimato. Após coletadas as informações, os dados foram analisados, tabulados, distribuídos graficamente e discutidos.

O cabeçalho era composto por sexo do participante, idade, modalidade e tempo de atuação. As questões trabalhadas no questionário eram as seguintes:

- 1 – Você possui alguma superstição antes da partida? Existiam as opções, sim, não ou talvez e após isso existia uma sub pergunta: Qual?
- 2 – Você acredita que ter alguma superstição interfere no resultado final da partida? Existiam as opções, sim, não ou talvez e após isso existia uma sub pergunta: Por quê?
- 3 – Seu treinador prepara a equipe psicologicamente para a partida? Existiam as opções, sim, não ou talvez e após isso existia uma sub pergunta: O que ele faz?

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a coleta de dados é necessário configurar quais são os sujeitos da nossa pesquisa, sendo que para isso foi utilizado um cabeçalho de identificação (sexo, idade, modalidade e tempo de atuação). Analisando os dados obtivemos 40 participantes, que variavam a idade entre 14 anos, o mais novo, e 17 anos, o mais velho.

Com relação a modalidade praticada, obtivemos três modalidades coletivas: basquetebol, handebol e futebol de salão, já com relação ao tempo de prática o menor tempo encontrado foi de um ano e o maior tempo de prática era de 12 anos, para facilitar a leitura dos dados agrupamos as faixas etária em até dois anos de prática, de dois a cinco anos, de cinco à dez anos de prática e por fim, mais de dez de prática. A tabela a seguir mostra alguns dados que configuram o perfil de nossos participantes.

Tabela 1. Perfil dos participantes da pesquisa.

Participantes			Modalidade Praticada			Tempo de Atuação		
Idade	Nº	%	Modalidade	Nº	%	Tempo	Nº	%
14 anos	2	5%	Basquete	19	48%	Até 2 anos	15	38%
15 anos	11	28%	Handebol	10	25%	De 2 a 5 anos	10	25%
16 anos	15	38%	Futsal	11	28%	De 5 a 10 anos	11	28%
17 anos	12	30%	Total	40	100%	Mais de 10 anos	4	10%
Total	40	100%				Total	40	100%

Vale ressaltar que a média de idade dos participantes foi de 15, 8 anos e a média do tempo de prática dos participantes é de 5,1 anos. Após realizar a identificação dos participantes, entramos especificamente nas questões que foram trabalhadas para atingir o objetivo desta pesquisa.

A primeira questão trabalhada com os atletas escolares foi: Você possui alguma superstição antes da partida? Qual? Como trabalhamos com opções de respostas em sim, não e as vezes obtivemos os seguintes resultados, conforme a tabela abaixo:

Tabela 2. Superstição das atletas antes da partida.

Superstição Antes da Partida		
Sim	17	42,50%
Não	20	50%
As Vezes	3	7,50%

Conforme os dados apresentados, verificamos que somados os atletas que afirmam que têm alguma superstição com os atletas que citam somente as vezes, chegamos ao número de 50%, ou seja, metade dos atletas escolares acreditam em alguma superstição no esporte, um número muito representativo e que nos mostra claramente que é necessário desenvolver algum trabalho para que não fiquem presos somente a superstição.

Podemos destacar alguns dados destacados do texto, como por exemplo "*bater o pé direito vezes na quadra antes de pisar com o esquerdo*" (sujeito 06), ou então, "*bater três vezes na madeira do banco de reservas antes de entrar*" (sujeito 08), que representa credences populares a respeito de sorte. É importante destacar outra fala, "*sempre faço oração...*" (sujeito 39), mostrando para nós uma evidência ao encontro com a fala de Daólio (2005), onde superstição e religião se misturam. Outros atletas trazem superstições ligadas a reações fisiológicas, tais como "*preciso sempre ir ao banheiro para ter sorte*" (sujeito 07), ou então, "*urinar minutos antes da partida*" (sujeito 09). Esses dados nos mostram que alguns atletas se apegam a certas credences que de alguma forma os auxiliam no decorrer da partida.

Na segunda questão foi perguntado aos atletas se eles acreditam que ter alguma superstição interfere no resultado final da partida? Por quê? Como trabalhamos com opções de respostas em sim, não e as vezes, obtivemos os seguintes resultados, conforme a tabela abaixo:

Tabela 3. Interferência da superstição no resultado final da partida, na visão dos participantes.

Interferência no resultado final		
Sim	15	37,50%
Não	22	55%
As Vezes	3	7,50%

Analisando os dados coletados verificamos que apesar de ser minoria, ou seja 45%, uma parcela significativa acredita que as superstições podem interferir no resultado final da partida, somando as respostas sim e as vezes. Dois dados nos chamam muita atenção, o primeiro é quantos atletas escolares acreditam que realmente a superstição altera o resultado final da partida, sendo de extrema importância para a comissão técnica trabalhar com esses dados para que não fiquem simplesmente mercê do fator sorte, deixando de lado os trabalhos físicos, técnicos, táticos e psicológicos. Um segundo dado interessante é verificar que 5% dos atletas que têm alguma superstição não acreditam que interfere no resultado final, uma vez que comparamos a tabela dois com a tabela três.

Um dos atletas que possuem superstição, mas não acreditam na interferência desta no resultado final da partida é o sujeito 34, que respondeu não e justifica "*o jogador se sente melhor com essas coisas, mas nada que reflita no resultado*". essa fala é interessante pois ele busca apenas confiança supersticioso, mas não crê que esse seja o fator principal, sendo este ponto a chave da questão, todos podem ter suas crenças, mas não que elas sejam condição exclusiva para alcançar a vitória.

Podemos destacar algumas outras falas, como por exemplo, "*Acho que isso não muda nada nas partidas*" (sujeito 24), que traz uma resposta negativa. Podemos novamente trazer respostas atreladas as questões religiosas, como por exemplo "*Porque o jogador tende a jogar mais tranquilo e confiante na vontade de Deus*" (sujeito 15), "*Deus não deixa um time que luta desamparado*" (sujeito 39), o mesmo atleta que cita que sempre reza antes da partida, fala esta que concorda novamente com Daólio (2005).

Outras frases que podemos destacar são "*pois quem manda no corpo é nosso cérebro e a superstição alimenta a confiança*" (sujeito 01), "*toda vez que eu faço isso melhora muito, meus companheiros também*" (sujeito 08), essas falas relatam o quanto alguns atletas acreditam na superstição, o quanto essas crenças estão intimamente ligadas ao trabalho que eles executam em quadra.

Para finalizar nossa pesquisa, fizemos uma última pergunta que visou levantar se o treinador da equipe prepara os atletas psicologicamente para a partida? O que ele faz? Da mesma maneira que nas questões anteriores havia possibilidade da resposta, sim, não e as vezes. Conforme a tabela abaixo, coletamos os seguintes resultados:

Tabela 4. Relato dos participantes sobre a psicologia do esporte.

Trabalho psicológico da equipe		
Sim	26	65%
Não	3	7,50%
As Vezes	11	27,50%

Conforme os dados levantados, verificamos que uma grande parcela dos atletas afirma que o treinador desenvolve algum trabalho psicológico com a equipe em questão. Se somarmos as respostas sim e as vezes, chegamos a uma elevada taxa de 92,5%, um número importante considerando a evolução da psicologia do esporte e a necessidade do olhar mais humanizado ao esporte, porém, quando verificamos as respostas para pergunta do que o técnico realiza com os atletas verificamos o outro lado da moeda, pois muitas ações são ligadas somente ao incentivo e até a parte motivacional, que nem sempre caracteriza uma intervenção em psicologia do esporte.

Para ilustrar a ideia transcrita podemos utilizar a fala do sujeito 12 "*ele dá esporro e coloca a gente no banco*", o que não necessariamente seja uma intervenção balizada pela psicologia do esporte, mas talvez uma ação tática, técnica ou física.

Outro dado interessante é que nenhum atleta traz em sua fala que o treinador trabalha questões supersticiosas, apenas o sujeito 39 cita "*além de motivar o grupo, o treinador reza junto com a equipe*", ressaltando novamente a questão religiosa atrelada a superstição, algo muito valorizado pelo sujeito 39, conforme apresentado nas questões anteriores.

Merece destaque a fala do sujeito 14 "*conversa individualmente, diz que acredita no potencial de cada um, afirma que somos capazes de vencer e depois conversa em grupo minutos antes do jogo, pedindo raça e luta sem desistir*", essa fala nos mostra um trabalho diferenciado em relação ao levantamento com outros colegas, que citavam somente motivação e gritos do banco, mostrando um tipo de intervenção individual e em grupo.

CONCLUSÃO

Após a análise e discussão dos dados coletados, podemos concluir que, dentro do universo pesquisado, o fator superstição é muito forte nos atletas escolares, tanto na execução dessa prática, quanto na crença de que efetivamente a superstição pode alterar o resultado final de uma partida. Assim como exposto na revisão de literatura é impossível dissociar aspectos de credence popular e sorte do fator religioso, conforme apresentado nos dados coletados. A crença em um ente divino, um ser superior, que guia e auxilia também é forte entre os atletas escolares. Por fim, é importante ressaltar que a maioria dos atletas diz que os treinadores desenvolvem trabalhos com a psicologia do esporte, mesmo que não saibam conceituar exatamente a maneira como o professor trabalha.

Sugerimos, ao término deste trabalho, que os profissionais das ciências do esporte iniciem um trabalho voltado para a psicologia do esporte, especificamente a questão da superstição e o esporte,

uma vez que muitos atletas acreditam nessa premissa e que de repente, podem ficar "cegos", acreditando que a preparação esportiva se resume a oração, galho de arruda, dentes de alho, número da sorte, etc.

Sugerimos também, um aprofundamento desta pesquisa a nível de esporte e alto rendimento em modalidades femininas, em modalidades individuais e outras instâncias do esporte competitivo.

REFERÊNCIAS

DAÓLIO, J. As contradições do futebol brasileiro. **Lectures Educación Física y Deportes**, 3 (10) 1. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd10/Daólio1.htm>. Acesso em 12 de mar. 2010.

_____. A superstição no futebol brasileiro. In: DAÓLIO, J. (org.) **Futebol, cultura e sociedade**. 1ª edição. Campinas: Autores Associados, 2005.

KOCIAN, R. C. **Concentração nas Olimpíadas Colegiais do Estado de São Paulo: estudo de caso sobre a reclusão esportiva à luz da Psicologia do Esporte**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2009.

TOLEDO, L. H. **Lógicas no Futebol**. 1ª edição. São Paulo: Hucitec, Fapesp, 2002.

Universidade Paulista – UNIP. campi São José do Rio Pardo e Limeira.

Rua José Osório de Paiva
São José do Rio Pardo